

# O NORMAL E O PATOLOGICO: UMA ANÁLISE SOBRE A VISÃO DE PAUL RICOEUR E GEORGES CANGUILHEM

## THE NORMAL AND THE PATHOLOGICAL: AN ANALYSIS OF PAUL RICOEUR'S AND GEORGES CANGUILHEM'S VIEWS

---

EDNA CLOTILDE LINHARES TEPEDINO ALVES  
Universidade Católica de Petrópolis, Brazil  
[edna.42240004@ucp.br](mailto:edna.42240004@ucp.br)

---

Received: 09/16/2022

Accepted: 09/20/2022

Published: 09/25/2022

---

Resumo: O trabalho aqui apresentado trata-se da tentativa de discutir a ideia do normal e o patológico sob a perspectiva de Canguilhem e Ricoeur. Para isso, foi realizada uma revisão integrativa através da busca de textos que contemplassem as obras sobre o normal e o patológico. E a partir daí, através de uma releitura das principais ideias dos autores, compreender suas concepções percorrendo as direções internas de sua argumentação, e destacando a sua relevância e atualidade para os debates contemporâneos nas ciências da vida no decorrer das obras citadas.

Palavras-chave: Normal e Patológico. Paul Ricoeur. O justo.

Abstract: The work presented here is an attempt to discuss the idea of the normal and the pathological from the perspective of Canguilhem and Ricoeur. For this, an integrative review was carried out through the search for texts that contemplated the works on the normal and the pathological. And from there, through a re-reading of the main ideas of the authors, to understand their conceptions going through the internal directions of their arguments, and highlighting their relevance and relevance to contemporary debates in the life sciences in the course of the works cited.

Keywords: Normal and Pathological. Paul Ricoeur. The Just.

## 1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que uma em cada quatro pessoas sofre de algum transtorno mental. Segundo seu relatório de 2017, estima-se que cerca de 300 milhões de pessoas sofram de depressão e 260 milhões de ansiedade no mundo. Esses números, ainda segundo a organização, tendem a crescer, principalmente em países de baixa renda (World Health Organization, 2017). Sendo assim, a grande quantidade de novos diagnósticos psiquiátricos na contemporaneidade, o crescimento desses diagnósticos, a permeabilidade com que diagnósticos penetram nos nossos cotidianos, a dificuldade de se estabelecer o limite entre o que é o normal e o que é o patológico, são questões que estão na ordem do dia para os profissionais da saúde, filósofos e sociólogos (Campos, 2014; Caponi, 2009; Vasconcelos, 2004)

De acordo com as pesquisas do filósofo Michel Foucault (1926-1984), a concepção de uma sociedade a respeito de uma doença é a sua própria condição de existência.

O filósofo Jean Paul Gustave Ricœur, foi um dos grandes ícones do pensamento contemporâneo e sua produção teve como marca o intercâmbio entre textos e tradições de pensamentos diversos bem como de várias áreas do saber, entre elas suas obras “*O Justo 1*” e “*O Justo 2*”.

O Normal e o Patológico de Georges Canguilhem, fruto de sua tese de doutorado, na tentativa de diferenciar estado patológico de anomalia, dialogam no presente artigo com Paul Ricoeur.

Realizando assim no presente trabalho uma tentativa de perceber a assimilação das ideias defendidas por Paul Ricoeur com a obra de Canguilhem, de acordo com algumas passagens expostas em “*O Justo 2*”, pontuando através de uma releitura das principais ideias dos autores, suas concepções.

## 2. O NORMAL E O PATOLÓGICO

Primeiramente, para melhor compreensão do presente artigo é necessário fazer uma breve apresentação dos autores. Paul Ricoeur, filósofo francês, nascido em 1913 foi um dos principais pensadores do pós-guerra e do existencialismo cristão. Ricoeur desenvolveu contribuições para a fenomenologia (que é um modo de pensamento filosófico que retoma a importância dos fenômenos os quais devem ser estudados em si mesmos, ou seja, tudo o que podemos saber do mundo e de nós próprios resume-se a esses fenômenos) e a hermenêutica, em constante diálogo com as ciências humanas e sociais. Georges Canguilhem, nascido em 1904, foi um epistemólogo francês, especialista em história da ciência, filósofo e médico, ficou popularmente conhecido no Brasil por sua obra *Normal e o Patológico*.

As visões de Paul Ricoeur e Georges Canguilhem no que diz respeito entre o normal e o patológico são semelhantes e correlatas. Ricoeur, ao escrever sobre o normal e o patológico como fonte de respeito, em seu livro *“Le Just 2”* (2001) utiliza uma reflexão inspirada pela filosofia biológica exposta por Georges Canguilhem, inspirado em suas obras *“Normal et le pathologique”* (1943) e *“La Connaissance de la vie”* (1965).

No primeiro ensaio de *“O Justo 1”* (2008) de Paul Ricoeur a questão diretriz é *“Quem é o sujeito de direito?”* E ao analisarmos o *“quem”* da pergunta o autor observa que *“juntos, estima de si e respeito de si, definem a dimensão ética e moral do si, na medida em que caracterizam o homem como sujeito de imputação ético jurídica.”* Sendo capaz de agir livremente o sujeito humano é responsável dos atos que comete e em função disso é julgado.

O autor entende como capacitado a ser sujeito de direito aquele que é capaz de estima e respeito, como uma atenção especial a noção de sujeito capaz. O si como o sujeito capaz de agir ou de padecer, e estando atento a essas observações podemos observar como o autor se mostra clemente quanto a fragilidade e a vulnerabilidade dos homens, considerados como seres singulares.

Paul Ricoeur sempre apresenta uma consciência do social, do político e do histórico, demonstrando sua constante preocupação com o justo tanto na aplicação institucional da lei quanto na relação com o próximo, que podem ser mais frágeis e mais vulneráveis como por exemplo são as crianças, os idosos e os acamados.

Ricoeur, demonstrando então atenção a fragilidade no caso de doenças desenvolve e se aprofunda reflexivamente quando é convidado a fazer uma palestra na associação L'Arche em 1997, o título da palestra é "A diferença entre o normal e o patológico como fonte de respeito" e por meio da expressão "fonte de respeito" o autor distinguirá a dimensão ética e girará em torno da noção de patológico.

Fundamentando o respeito e a amizade que devemos aos deficientes mentais e físicos como também há outras pessoas afetadas por invalidez por meio de uma argumentação que gira em torno da noção de patológico.

Segundo a sociedade brasileira de patologias (SBP) A palavra patologia tem sua origem no grego, com a união dos termos Pathos (doença/sufrimento) e Logos (estudo). Como o nome sugere, essa especialidade médica estuda as alterações estruturais e funcionais das doenças, identificando suas causas e efeitos.

A origem da especialidade remonta à Grécia Antiga e se funde à origem da própria medicina ocidental. Assim como o termo, a própria patologia tem suas raízes na terra dos filósofos.

Hipócrates de Cós (468-377a.C.), médico grego, natural de Cós, pequena ilha na Ásia menor, afirmava que as doenças têm causas naturais e não se originam da ação de deuses ou de forças espirituais, sobrenaturais. Nesta concepção o adoecer deve-se às leis naturais, com causas e efeitos resultantes de uma sequência lógica, racional, inteligível.

Apesar deste modo de pensar cientificamente a medicina, a prática da autópsia ainda esperou 18 séculos para se tornar importante no estudo das doenças, de suas causas, mecanismos, e das alterações anatômicas e fisiológicas, que explicam os sinais e os sintomas, constituindo-se a especialidade conhecida como Patologia.

Com base nas obras de Canguilhem, o autor procura primeiro fazer um deslocamento do que se é entendido como o que é o normal e o patológico. Expondo sua ideia de que o ser vivo, como algo distinto de uma máquina física mantém com o seu meio uma relação dialética de debate, respondendo a estímulos exteriores que de alguma maneira tem prioridade de iniciativa, o meio age: o ser vivo responde. (RICOEUR, 2008)

Ricoeur utiliza a ideia diretiva de "valor vital" de Canguilhem ao discorrer que:

"o meio ambiente do animal nada mais é que um meio centrado em relação a um sujeito de valor vital em que consiste essencialmente o ser vivo. Devemos conceber na raiz dessa

organização no meio ambiente animal uma subjetividade análoga aqui somos obrigados a considerar na raiz do meio ambiente humano” (2006)

Essa concepção de valor vital tem relação direta com o debate entre o ser vivo e o seu meio o qual “o ser vivo contribui com as suas normas próprias de apreciação das situações no qual ele domina o meio e acomoda a si” (CANGUILHEM, 2006)

Discorrendo a respeito da obra de Canguilhem, Ricoeur desenvolve uma sugestão a respeito do patológico e normal, quando ele fala a vida humana pode ter um sentido biológico um sentido social e um sentido existencial.

Analisando a seguinte diferenciação: O que pode significar patológico no plano biológico? Como é possível que haja patológico no plano da vida? Para responder ambas as indagações é necessário diferenciar a ordem biológica da ordem física. A ordem física acaba obedecendo estritamente a lei, como um acontecimento singular por exemplo a queda de uma maçã, já a ordem biológica é composta por uma série de fatores.

O autor menciona que a saúde caracteriza o indivíduo em sua relação com a norma e essa relação é inelutavelmente precária, pois a saúde se apresenta como capacidade limitada de gerir ameaças, perigos, disfunções e entre essas as doenças. Chegando ao nível biológico importante: a noção de doença. Quem sempre acaba adoecendo é o indivíduo e não existe doença no mundo físico sendo assim não existe medicina nem médicos não existindo oportunidade de tratar e curar. (RICOEUR, 2008)

É no presente momento que duas leituras de patológico acompanharam duas leituras de norma. Em uma leitura negativa patológico significaria deficiência e em uma leitura positiva significa “*organização outra*”, que tem suas próprias leis. Em torno desta *estrutura outra* que o autor articula a respeito do respeito devido a esse outro modo de ser no mundo, a com os seus próprios valores. (RICOEUR, 2008)

Outro fator que tende a ocultar a avaliação positiva da relação com o meio é uma noção chamada de noção insolente de saúde, onde os saudáveis socialmente representantes de um paradigma de normalidade acabam se tornando insolentes com relação ao que acaba fugindo a norma, do que seja o saudável, ou a saúde padrão e esperada, não percebendo assim a dignidade do diferente, desse outro modo de ser, que frequentemente é reduzido

ao indigno, ao que não deveria ser, que é representado por meio do patológico, que tende a arvorar a norma no sentido de média, em norma no sentido de ideal.

Podendo mencionar assim o conceito de Falácia Naturalista surgindo a partir da ideia do filósofo Hume, no século XVII, onde parte do princípio de que nós não devemos extrair uma obrigação ou do dever ser, a partir da mera observação do que é. A ideia central é de que ninguém deve pelo fato de constatar que a coisa é, inferir ou deduzir que é e também deveria ser. Acaba sendo falaciosa para Hume pois entra em atrito com o que deveria ser e o que realmente é. O fato de vermos certas coisas com frequência, certas repetições de dados, acaba nos fazendo concluir juízos de valor a partir de juízos fácticos.

Consistindo em vangloriar-se de sua Boa Saúde e definindo a doença em termos de impotência, como por exemplo “aquilo já não posso mais”, “aquilo que eu não posso”.

O envelhecimento acaba sendo uma oportunidade favorável para o questionamento dessa questão insolente de saúde, segundo Canguilhem certamente saúde não é apenas um engodo:

“O que a caracteriza é a capacidade de tolerar variações das normas, às quais apenas a estabilidade (aparentemente garantida e na verdade sempre necessariamente precária), das situações e do meio confere um valor enganoso de norma definitiva” (2006)

Lembrando-se que quando Ricoeur fala sobre norma, o conceito de norma não se aplica forma jurídica, podendo observar que quando o autor quer falar sobre normas específicas (físicas) utiliza o termo norma jurídica ou lei jurídica para dar esse destaque. No presente texto o conceito de norma um é um conceito geral e no texto presente significa justamente o oposto, ao que seria numa certa representação social e cultural, o patológico.

Toda norma acaba estabelecendo uma ordem já previamente estabelecida, uma frequência de repetição de tipos que se adequam a casos previamente determinados, nos submete a uma noção de universalidade com relação aos casos nos quais ela se aplica. Assim como o sentido de obrigação já citado, como por exemplo determinar que o normal dentro de determinado nicho é x, y e z, então essa ideia de normalidade acaba se traduzindo também em um paradigma normativo por se esperar que todos aqueles que sejam saudáveis se adequem a norma.

Canguilhem, constitui um marco fundamental nesse novo campo do saber humano – a epistemologia. Segundo o autor, a medicina, muito mais do que uma ciência propriamente dita, é uma técnica ou uma arte situada na encruzilhada de várias ciências.

Georges estava preocupado com a fisiologia: como conceber o conceito de vida? E o conceito de normal? A doença depende do doente ou só do médico? O filósofo francês tem uma noção vitalista da saúde e da doença: a verificação médica depende sempre do sentimento de desconforto do paciente e em toda a história da medicina foi assim: nesta ciência, o *phatos* precede o *logos*.

Primeiramente, Canguilhem (2006) distingue entre estados anormais e patológicos, e observa que, geralmente, a responsabilidade de identificar outros organismos como normais ou não é dos indivíduos comuns, entretanto mesmo sabendo que a pessoa é um elemento comum o que legitima as mesmas condições para fazer tal distinção? Canguilhem nesse ponto dialoga que:

“Distinguindo anomalia de estado patológico, variedade biológica de valor vital negativo, atribui-se, em suma, ao próprio ser vivo, considerado em sua polaridade dinâmica, a responsabilidade de distinguir o ponto em que começa a doença”. (CANGUILHEM, 2006).

Canguilhem constitui um marco fundamental nesse novo campo do saber humano – a epistemologia. Segundo o autor, a medicina, muito mais do que uma ciência propriamente dita, é uma técnica ou uma arte situada na encruzilhada de várias ciências e realiza três importantes diferenciações: Saúde, doença e vida.

Saúde: uma relação que se vive no corpo a maneira de uma evidência não interrogada, tem-se um sentimento de segurança no presente e garantias para o futuro, porque o que caracteriza a saúde é a possibilidade de ultrapassar a norma que define o normal momentâneo a possibilidade de tolerar inflações a norma habitual instituir normas novas em situações novas; Doença: não é a normal por ausência de norma, mas por incapacidade de ser normativo a doença é a experiência que o indivíduo faz de sua própria fragilidade; Vida: não é um equilíbrio em torno de lineares, mas um poder criador de normas.

Algumas pessoas são capazes de se adaptar a um determinado tipo de ambiente, situação, enquanto outras não conseguem se identificar no mesmo ambiente, entretanto é necessário dados qualitativos e quantitativos para identificar se determinada pessoa é

normal ou não, e somente depois de todo um processo e análise de todas as variáveis é possível tratar um sujeito como um “ser doente”

“Estamos doentes quando nem tudo funciona normalmente”, a doença então seria a ausência de norma, a desordem orgânica. Para os cientistas essa norma seria a saúde. Fixar-lhes as normas para tentar corrigir os disfuncionamentos patológicos.

Com relação à saúde, Canguilhem associa que a saúde é composta por uma sequência de processos que envolvem os seres humanos, com o objetivo de assegurar-lhes segurança conforme seus hábitos e o meio ao qual vivem e reagem com o próprio ambiente tendo como limite o que é normativo ao meio dos indivíduos.

Quanto a doença, o autor discorre que é entendido como doença quando o ser já não se reconhece mais em seu ambiente, quando ele passa por um processo de modificações intensas até que suas reações se tornam estranhos ao seu próprio meio.

Canguilhem vai contra uma continuidade entre o normal e o patológico, os cientistas positivistas como Auguste Comte e Claude Bernard, falam que não existe uma diferença de natureza entre o normal e o patológico, mas sim uma diferença de grau, com relação por exemplo a quantidade de hormônios e anticorpos oscilamos a doença.

Canguilhem reconhece o progresso das visões, porém ele estabelece limites, o estudo da vida não pode se resumir a uma simples análise físico-química, portanto a doença não é um disfuncionamento a reparar, um desequilíbrio químico a corrigir, é uma vivência individual.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise sobre o as visões complementares de Paul Ricoeur e Georges Canguilhem, que, segundo a estudos, possuem grande influência dentro da área filosófica da patologia.

O primeiro passo do trabalho foi identificar, através da leitura do livro O Justo 2, sobre o normal e o patológico como fonte de respeito, as características que podem ser consideradas relevantes quando falamos sobre norma, patologia e saúde. Um conjunto de características foi identificado e, em seguida, estudadas.

O trabalho buscou também diferenciar o conceito de patologia e doença, de norma e de normal, e concluiu que na visão dos autores, são conceitos heterogêneos.

Identificou-se que o termo “norma” é empregado de formas distintas na literatura acadêmica e na literatura não acadêmica.

Os resultados desses estudos deram origem ao capítulo dois deste trabalho, que buscou desenvolver as principais ideias de ambos os autores. Conseguimos perceber que ao longo dos anos só a forma como tratam os indivíduos portadores de distúrbios mentais mudou, mas que as concepções legitimadas e impostas pela sociedade permanecem cristalizadas.

## Referências

- CAMPOS, M. E. F. G. (2014). **Norma versus Subjetividade: o legado de Canguilhem**. Revista SEPHallus de Orientação Lacaniana, 9(18), 61–71.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o Patológico**. 6ª edição, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.
- CAPONI, S. (2009). **Biopolítica e medicalização dos anormais**. Physis, 19(2), 529–549.  
<https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000200006>
- DAGOGNET, F. *Georges Canguilhem: Philosophie de la vie*. Le Plessis-Robinson. Institut Synthélabo, 1997.
- FOCAULT, M. (2014a). **História da loucura: na idade clássica** (10th ed.). São Paulo: Perspectiva
- PUTINI, R. "O normal e o patológico e a epistemologia das ciências da vida e da saúde em Georges Canguilhem".
- RICŒUR, Paul. **O Justo 1**. Trad.: Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- RICŒUR, Paul. **O Justo 2**. Trad.: Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2017). *Depression and other common mental disorders: global health estimates*. *World Health Organization*, 1–24.  
<https://doi.org/CC BYNC-SA 3.0 IGO>
- VASCONCELOS, E. (2004). **Mundos paralelos , até quando? Os psicólogos e o campo da saúde mental pública no brasil nas duas últimas décadas**. Clio-Psyché - Histórias Da Psicologia e Do Brasil, 1, 108–134